

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: A DIFICULDADE DE DIAGNÓSTICO EM MENINAS/MULHERES

Ana Beatriz Oliveira Costa¹
Hiene Andrade Silva²
Paula Danielle Souza Monteiro³

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é reconhecido por sua ampla variabilidade de manifestações que afetam significativamente a comunicação social, o comportamento e os interesses individuais. Historicamente, as ferramentas utilizadas para dar suporte ao diagnóstico estão mais embasadas em observações de comportamentos tipicamente apresentados por indivíduos do sexo masculino, o que tem levado a um diagnóstico menos preciso e precoce em meninas, pois apresentam sintomas atípicos ou mais sutis do que os meninos.

Nesse sentido, objetivou-se identificar e analisar as principais dificuldades para realizar o diagnóstico de TEA em meninas/mulheres, explorando as barreiras que impedem o diagnóstico precoce e preciso. A compreensão de questões como essas pode ajudar a melhorar a detecção e o manejo do TEA em meninas e mulheres, proporcionando melhoria na qualidade de vida das mesmas (Kopp; Gillberg, 1992).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O diagnóstico precoce do TEA é essencial, mas complexo, pois os sinais variam e podem surgir em diferentes fases da infância (Cunha, 2010; Pinto, 2016). Por isso, é fundamental que profissionais de saúde possuam conhecimento técnico e utilizem uma abordagem multidisciplinar para a avaliação, considerando desde a gestação até o histórico pré-natal do paciente (Hadjkacem *et al.*, 2016; Pires, 2012; Silva, 2012).

Desafios como falta de conhecimento sobre a diversidade dos sintomas, baixa escolaridade dos pais, acesso limitado a serviços de saúde e comorbidades podem

¹ Psicologia, Faculdade dos Carajás, ana_beatrizoc@hotmail.com

² Psicologia, Faculdade dos Carajás, hieneas23@gmail.com

³ Mestrado em Psicologia (Teoria e Pesquisa Comportamento), Faculdade dos Carajás e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), paula.monteiro@ifpa.edu.br

impedir diagnósticos precoces (Shaw *et al.*, 2021). Além disso, estereótipos de gênero e sutileza clínica específica podem levar a diagnósticos incorretos ou tardios em mulheres, com influências culturais e sociais afetando significativamente a identificação do TEA em meninas e mulheres (Camargos Jr., 2018; Rutherford *et al.*, 2016).

O diagnóstico de TEA em meninas e mulheres é frequentemente atrasado devido a "camuflagem", em que elas adaptam comportamentos sociais para mascarar sintomas, um fenômeno que requer atenção especial dos profissionais para garantir um diagnóstico preciso e apoio adequado (Camargos Jr., 2018; Dean *et al.*, 2017; Freire; Cardoso, 2022; Puig, 2016). É importante considerar as influências culturais e sociais no diagnóstico e manejo do TEA, especialmente em meninas, para melhorar a qualidade de vida e fornece o suporte necessário a indivíduos afetados e suas famílias (Gesi *et al.*, 2021; Goldman, 2013; Hull *et al.*, 2020; Kopp; Gillberg, 1992).

METODOLOGIA

Realizou-se uma revisão integrativa da literatura, pesquisa relevante para compreender o estado atual do conhecimento sobre o assunto e para identificar problemas e lacunas de pesquisa (Gil, 2002). Foram selecionados artigos que atendiam aos seguintes critérios: disponíveis nas bases de dados PubMed, Scielo e Pepsic; publicados entre 2017 e 2023; artigos completos; terem como objetivo identificar dificuldades no diagnóstico de autismo em meninas/mulheres; estarem disponíveis em inglês e português; de acesso aberto. Os descritores utilizados nas buscas foram "autismo/autism", "avaliação/assessment", "diagnóstico/diagnosis", "autismo em meninas/autism in girls", "feminino/female", "sexo feminino/female sex" e "gênero feminino/female gender". Os artigos foram selecionados com base na análise dos títulos e resumos, e quando necessário, foram avaliados na íntegra, seguindo os critérios de inclusão estabelecidos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das combinações dos descritores foram identificados 16 artigos em língua inglesa, dos quais 09 foram eliminados pelos critérios de exclusão, sendo 07 selecionados, que estavam disponíveis em periódicos internacionais.

Os estudos ressaltam dificuldades específicas na identificação do TEA em meninas e mulheres devido à "camuflagem feminina", que mascara características

autistas e resulta em diagnósticos tardios (Belcher *et al.*, 2021; Milner *et al.*, 2022). Mulheres tendem a internalizar seus traços autistas e necessitam de sintomas mais pronunciados para serem diagnosticadas, o que cria uma discrepância em relação aos meninos (Camargos Jr, 2018; Freire *et al.*, 2022; Gesi *et al.*, 2021; Hamdani *et al.*, 2023; Milner *et al.*, 2022).

Profissionais de saúde apresentam maior facilidade em reconhecer o fenótipo autista masculino devido a evidências verbais mais claras nos homens (Camargos Jr, 2018; Freire; Cardoso, 2022). Instrumentos que dão suporte ao diagnóstico como o Quociente do Espectro do Autismo, o Questionário de Camuflagem de Traços Autísticos e a Escala de Responsividade Social (SRS-2) são destacadas na literatura, sendo a SRS-2 especialmente relevante na avaliação de habilidades sociais e adaptativas (Belcher *et al.*, 2021; Gesi *et al.*, 2021; Harmens *et al.*, 2022; Milner *et al.*, 2019; Milner *et al.*, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a lacuna sobre o tema, se faz necessária a realização de mais estudos sobre o diagnóstico de TEA em meninas/mulheres, especialmente pesquisas brasileiras para a validação e normatização de instrumentos sinalizados pela literatura científica como padrão ouro, sinalizados na literatura como instrumentos mais sensíveis ao rastreio do TEA em meninas e mulheres. Em relação às limitações do estudo, algumas publicações não estavam com acesso aberto ou estavam incompletas na literatura internacional, o que dificultou a seleção de material para análise.

REFERÊNCIAS

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 2.ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

CAMARGOS W. *et al.* **Síndrome de Asperger e Outros Transtornos do Espectro do Autismo de Alto Funcionamento: da Avaliação ao Tratamento**. v. 1. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 401. ISBN 978-85-88009-32-5.

BELCHER H. L; *et al.* Camouflaging Intent, First Impressions, and Age of ASC Diagnosis in Autistic Men and Women. **Journal Autism Dev Disord**. v. 52, n. 8, p. 3413-3426, 2022. doi: 10.1007/s10803- 021-05221-3. Epub Aug 3. 2021. PMID: 34342806; PMCID: PMC9296412.

DEAN, M; HARWOOD, R; KASARI, C. The art of camouflage: Gender differences in the social behaviors of girls and boys with autism spectrum disorder. **Autism**, v. 21, n. 6, p. 678-689, 2017. Doi: 10.1177/1362361316671845.

FREIRE, M. G; CARDOSO, H. S. P. Diagnóstico do autismo em meninas: Revisão sistemática. **Revista Psicopedagogia**, v. 39, n. 120, p. 435-444, 2022. DOI: 10.51207/2179-4057.20220033.

GESI, C. *et al.* Gender differences in misdiagnosis and delayed diagnosis among adults with autism spectrum disorder with no language or intellectual disability. **Brain Sciences**, v. 11, p. 912-920, 2021. Doi: 10.3390/brainsci11070912.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDMAN, S. Opinion: Sex, gender and the diagnosis of autismo – A biosocial view of the male preponderance. **Research in Autism Spectrum Disorders**, v. 7, p.675–679, 2013. Doi:10.1016/j.rasd.2013.02.006.6

HADJKACEM, I. *et al.* Fatores pré-natais, perinatais e pós-natais associados ao transtorno do espectro do autismo. **Jornal de Pediatria**, v. 92, p. 595-601, 2016.

HAMDANI, Y. *et al.* Roadblocks and detours on pathways to a clinical diagnosis of autism for girls and women: A qualitative secondary analysis. **Womens Health (Lond)**, v.19, p.1-12, 2023. Doi: 10.1177/17455057231163761.

HULL, L. *et al.* The female autism phenotype and camouflaging: A narrative review. **Review Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 7, p. 306-317, 2020.

KOPP S; GILLBERG C. Girls with social deficits and learning problems: Autism, atypical asperger syndrome or a variant of these conditions. **European Child & Adolescent Psychiatry**, v. 1, p. 89–99, 1992. Doi: 10.1007/BF02091791.

MILNER V; MANDY W; HAPPÉ F; COLVERT E. Sex differences in predictors and outcomes of camouflaging: Comparing diagnosed autistic, high autistic trait and low autistic trait young adults. **Autism**, v. 27, n.2, p.402-414, 2023. Doi: 10.1177/13623613221098240.

MILNER V; *et al.* A Qualitative Exploration of the Female Experience of Autism Spectrum Disorder (ASD). **Journal Autism Dev Disord**, v. 49, n. 6, p. 2389-2402, 2019. Doi: 10.1007/s10803-019-03906-4.

PINTO, R. N. M. *et al.* Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>.

PIRES, S. M. O. **Identificação precoce do autismo e diagnóstico diferencial: estudo de caso.** (Monografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Psicologia, Porto Alegre, 2012.

PUIG JOVÉ, L. Diferencias de género/sexo en el perfil psicológico de adolescentes diagnosticados de trastorno del espectro del autismo. p. 3-82, 2016.

SHAW, G. S. L; LEANDRO, L; ROCHA-OLIVEIRA, R. Discutindo mitos e verdades sobre o autismo: contribuições de uma palestra para compreensão do transtorno do espectro autista. **Revista de estudios y experiencias en educación - REXE**, v. 20, n. 43, p. 17, 2021.

SILVA, A. B. B; GAIATO, M. B; REVELES, L. T. **Mundo singular. Entenda o Autismo**. Rio de Janeiro: Editora Fontana, 2012.

RUTHERFORD, M; *et al*. Gender ratio in a clinical population sample, age of diagnosis and duration of assessment in children and adults with autism spectrum disorder. **Autism**, v. 20, n. 5, p. 628-634, 2016. Doi:10.1177/1362361315617879